



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 06/03/2015 a 12/03/2015

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Fabiani Schemmer²
Andressa Schiavo³

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UFSM, especialista em controladoria e gestão empresarial pela UNIJUI.

³ Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
06/03/2015	9,79	337,00	31,14	4,85	3,79
09/03/2015	9,88	343,90	30,88	4,94	3,83
10/03/2015	9,80	342,00	30,84	4,96	3,82
11/03/2015	9,89	345,70	30,97	5,03	3,84
12/03/2015	9,86	343,50	30,76	5,13	3,82
Média	9,84	342,42	30,92	4,98	3,82

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	66,19	2,70
RS - Santa Rosa	65,85	2,17
RS - Ijuí	66,55	1,68
PR - Cascavel	63,80	3,66
MT - Rondonópolis	60,30	4,96
MS - Ponta Porá	58,45	2,45
GO - Rio Verde (CIF)	62,08	2,27
BA - Barreiras (CIF)	61,10	3,38
MILHO		
Argentina (FOB)**	170,80	0,23
Paraguai (FOB)**	131,80	-2,95
Paraguai (CIF)**	172,50	0,00
RS - Erechim	26,60	0,38
SC - Chapecó	28,50	2,89
PR - Cascavel	25,45	0,79
PR - Maringá	25,35	1,60
MT - Rondonópolis	19,50	0,00
MS - Dourados	22,42	1,59
SP - Mogiana	27,75	1,35
SP - Campinas (CIF)	30,17	0,07
GO - Goiânia	26,25	0,77
MG - Uberlândia	28,60	1,24
TRIGO		
RS - Carazinho	525,00	0,00
RS - Santa Rosa	525,00	0,00
PR - Maringá	637,00	1,43
PR - Cascavel	619,00	2,15

*Período entre 06/03/2015 a 12/03/2015

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 12/03/2015

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,33	60,63	25,42

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 05/03/2015

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	36,68
Feijão (saco 60 Kg)	139,44
Sorgo (saco 60 Kg)	20,15
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,38
Leite (litro) cota- consumo (valor líquido)	0,79
Boi gordo (Kg vivo)*	4,86

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

O fechamento desta quinta-feira (12) na Bolsa de Cereais de Chicago mostrou que os preços da soja continuam estáveis. O mesmo ficou em US\$ 9,90/bushel, considerando o mês de maio, que passa a ser o primeiro mês cotado a partir desta próxima segunda-feira (16).

Nesse contexto, o relatório do USDA, anunciado no dia 10/03, não trouxe novidades, confirmando uma safra de 108,1 milhões de toneladas colhida nos EUA em novembro passado, estoques finais acima de 10 milhões de toneladas para o corrente ano comercial, assim como manteve a estimativa de safra brasileira em 94,50 milhões de toneladas (governo e analistas privados nacionais consideram que a safra venha menor, entre 90 e 93 milhões de toneladas) e a da Argentina em 56 milhões de toneladas (o governo local estima 58 milhões de toneladas). A produção e os estoques finais mundiais se mantiveram em 315,06 milhões e 89,5 milhões de toneladas respectivamente. O preço médio para o bushel de soja aos produtores dos EUA, em 2014/15, permaneceu igualmente entre US\$ 9,45 e US\$ 10,95.

O mercado, na verdade, aguarda com grande expectativa o relatório de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03. O mesmo irá definir os rumos das cotações em Chicago a partir de então, na medida em que a colheita brasileira e argentina avançam normalmente.

Além disso, houve revisão para baixo na estimativa de crescimento do PIB da China, com a mesma ficando agora em 7% para 2015. Embora esse fator não atinja diretamente o consumo de alimentos, deixa o mercado receoso em relação a uma possível freada na demanda chinesa por soja. Afinal, a expansão econômica para este ano, se confirmada, será a mais baixa dos últimos 22 anos na China. Entretanto, por enquanto a demanda chinesa por importações está apontando um aumento para 77,5 milhões de toneladas no próximo ano comercial 2015/16, a ser iniciado em 1º de outubro do corrente ano. No atual ano comercial 2014/15 as importações chinesas estão previstas em 73 milhões de toneladas.

Assim, apenas problemas pontuais, tipo a possibilidade de um retorno da greve dos caminhoneiros no Brasil, causa alguma recuperação nas cotações em Chicago. As demais notícias são todas baixistas ou, pelo menos, no sentido de conservar os preços da oleaginosa entre US\$ 9,00 e US\$ 10,00/bushel. Dentre eles destacam-se três: a safra recorde sul-americana, apesar de um pequeno recuo nas estimativas de produção no Brasil; um dólar que se mantém forte no cenário mundial; e o petróleo que se mantém com preços baixos internacionalmente.

Dito isso, as inspeções de exportação estadunidense de soja alcançaram 625.713 toneladas na semana encerrada em 05/03, acumulando no atual ano comercial iniciado em setembro passado um total de 42,5 milhões de toneladas, contra 38 milhões um ano antes na mesma época.

Ainda em termos internacionais, a produção chinesa de soja em 2015/16 não deverá ultrapassar 11,7 milhões de toneladas, após 12 milhões no corrente ano. A produção

total de oleaginosas somará 55,6 milhões de toneladas, contra 57 milhões um ano antes.

Em termos de prêmios nos portos, os mesmos continuam recuando na medida em que a safra brasileira avança. Só não caíram mais nas últimas semanas devido a greve dos caminhoneiros que, por enquanto, está suspensa. Assim, o prêmio no Brasil, para março, variou entre 34 centavos e 85 centavos de dólar por bushel na semana. No Golfo do México (EUA) os mesmos ficaram entre 63 e 66 centavos, enquanto na Argentina, Rosário registrou valores entre 14 e 75 centavos de dólar por bushel.

Aqui no Brasil, a grande vedete continua sendo o câmbio. O mesmo chegou a bater em R\$ 3,17 em alguns momentos da semana, recuando posteriormente para valores ao redor de R\$ 3,14 por dólar. Ora, a moeda brasileira já está muito desvalorizada. Segundo a paridade de poder de compra a mesma deveria se estabilizar entre R\$ 2,75 e R\$ 2,90. Assim, esperando que as conturbações políticas e os desajustes entre o executivo e o legislativo sejam superados, é provável que o câmbio recue para tais níveis. No entanto, tudo irá depender da realização efetiva dos ajustes fiscais que o governo iniciou no final de 2014 e necessariamente precisam acontecer no país.

Com isso, embora a soja em Chicago tenha perdido ao redor de 30% de seu valor em relação a julho do ano passado e 45% em relação ao seu recorde obtido em setembro de 2012, o saco de soja em reais conseguiu fechar a semana na média de R\$ 60,63/saco no balcão gaúcho. Já os lotes ficaram entre R\$ 66,00 e R\$ 66,50/saco. No restante do país, os lotes oscilaram entre R\$ 56,50/saco em Sapezal (MT) e R\$ 65,50/saco na região de Pato Branco (PR). São preços excelentes pelas perspectivas que se tinha antes da disparada cambial, embora ainda não alcancem os valores médios registrados nos dois últimos dois anos. Nas condições de hoje, em um câmbio de R\$ 2,25 e/ou de R\$ 2,70, o preço de balcão gaúcho estaria em R\$ 45,00/saco e/ou R\$ 53,50/saco respectivamente. Ou seja, graças ao câmbio, o produtor gaúcho (referência) está obtendo R\$ 15,63/saco a mais no primeiro caso e R\$ 7,13/saco a mais no segundo caso.

O problema deste comportamento é que a realidade das próximas safras tende a ser totalmente oposta, com custos extremamente altos e preços médios relativos bem mais baixos. Por isso que a receita de se vender parte da safra antecipadamente, visando a realização de média, continua sendo importante.

Nesse sentido, no Brasil, o mês de março iniciou com 40% da safra já comercializada antecipadamente. Na mesma época do ano passado as vendas atingiam a 57% do total, o que mostra que as vendas antecipadas estão bem menos intensas neste ano. E, diante deste distúrbio cambial atual, mais ainda os produtores tendem a esperar. O Centro-Oeste brasileiro vendeu 49% antecipadamente, contra 67% um ano antes. A colheita brasileira, até o início de março, atingia a 29% da área total, contra 33% na média histórica. (cf. AgRural)

Enfim, em termos de produção final de soja, o Rio Grande do Sul caminha para um recorde histórico, agora estimado em 14,8 milhões de toneladas segundo a Emater. O ponto de interrogação, nesse caso, é em quanto a ferrugem asiática diminuirá tal estimativa. Em muitos casos, haverá volume, porém, o peso do grão se reduz consideravelmente devido ao problema, fato que tirará renda final do produtor. A

produtividade média, por enquanto, está calculada em 2.896 quilos/hectare no Rio Grande do Sul.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 19/02 a 12/03/2015.

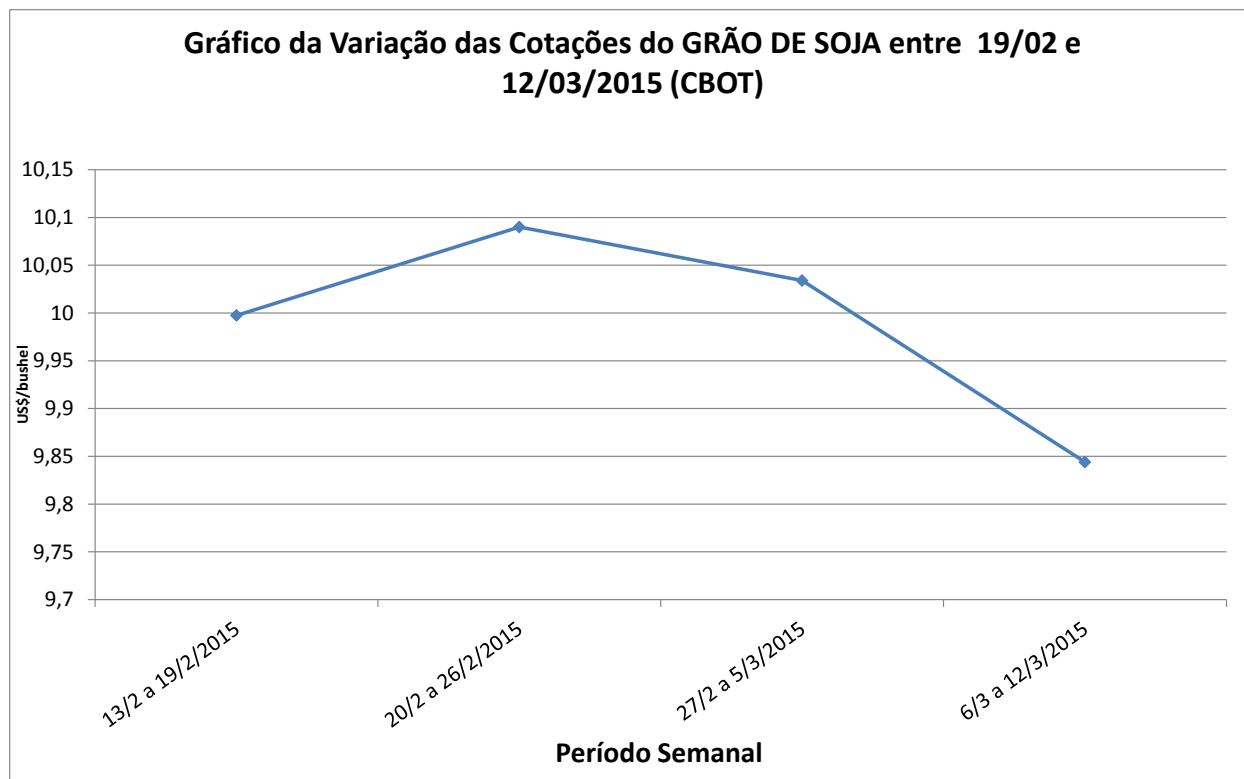
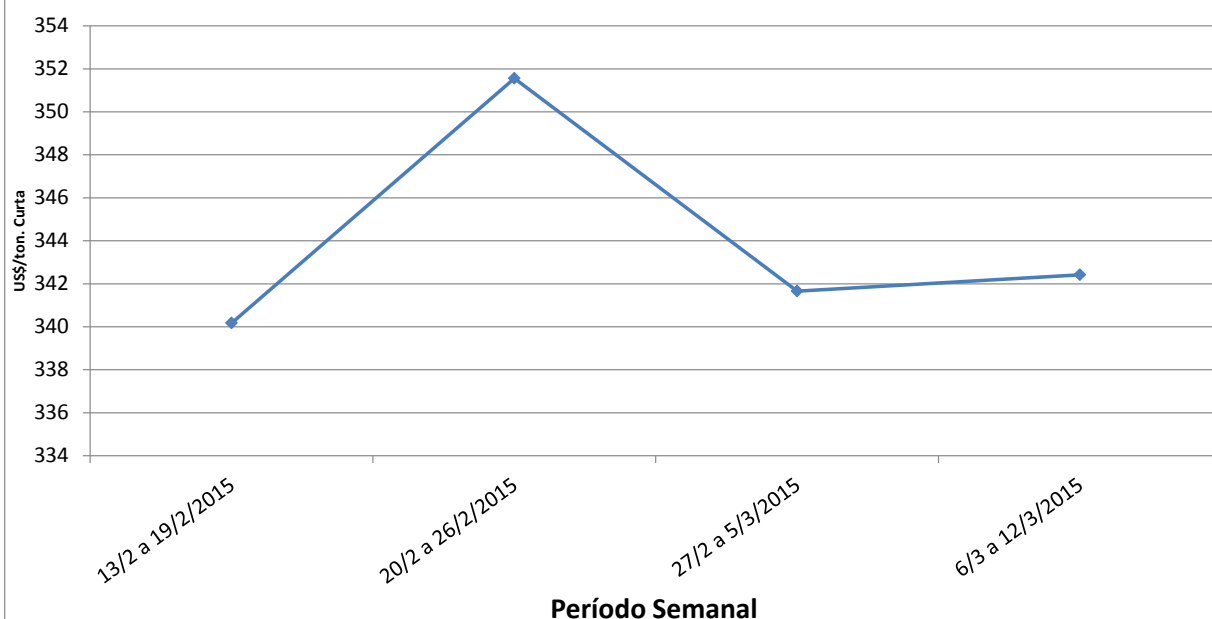
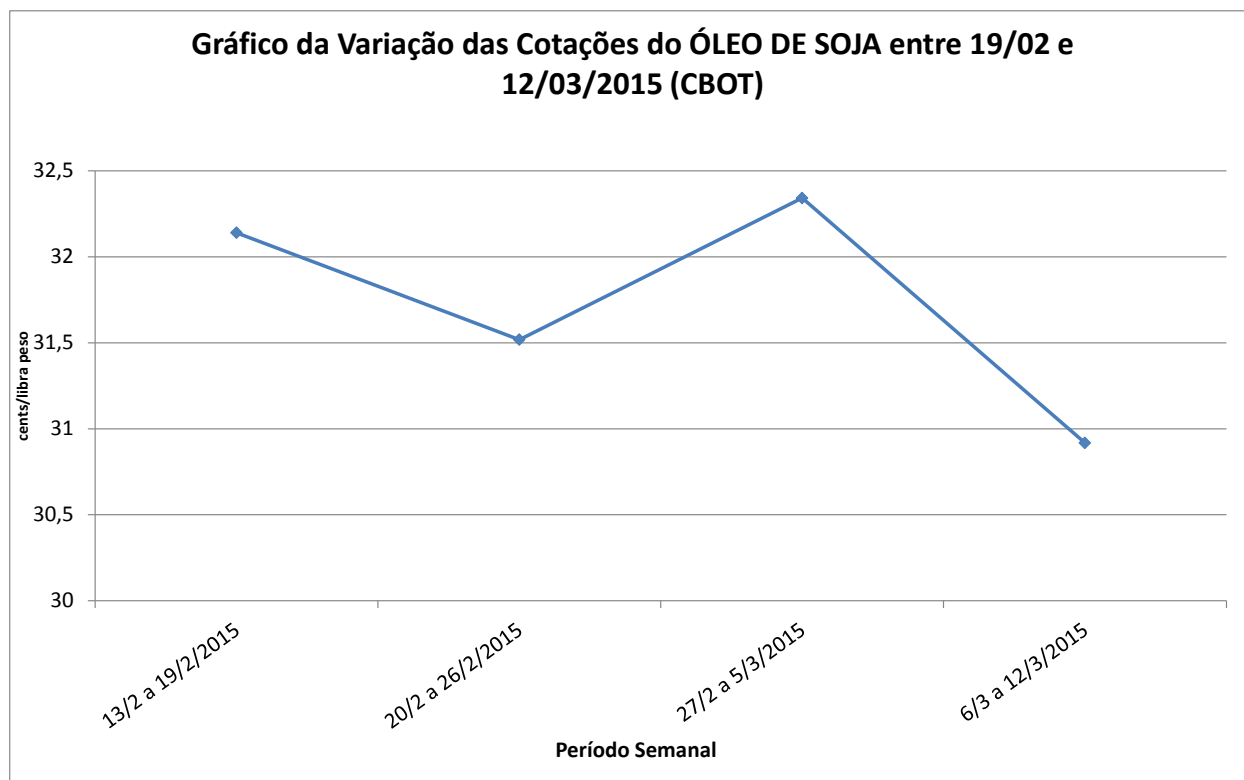


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 19/02 e 12/03/2015 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, para o primeiro mês (março) fechou a quinta-feira (12) em US\$ 3,82/bushel, ou seja, no mesmo valor da semana anterior, confirmando igualmente uma estabilização do mercado.

A valorização do dólar no contexto internacional impede melhoria nas cotações, mesmo com boa demanda mundial pelo milho dos EUA nestes últimos dias. Nesse sentido, a exportação da semana anterior atingiu a 1,18 milhão de toneladas, consolidando duas semanas seguidas com volumes acima de um milhão de toneladas. Somou-se a isso, contrariando as notícias da semana anterior, de que o clima pode estar melhorando naquele país, fato que favoreceria o plantio do milho em alguns Estados. (cf. Safras & Mercado)

Como pelo lado do trigo houve sensível recuperação das cotações em função de projeções climáticas um tanto ruins, o milho acabou igualmente se beneficiando e seu preço subiu.

Por sua vez, assim como no caso da soja, também para o milho as paralisações dos caminhoneiros brasileiros trazem tensão aos preços. A possibilidade de novas greves, a partir do dia 26/03 (data de reunião da categoria com representantes do governo), traz apreensão ao mercado.

Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no último dia 10/03, trouxe poucas novidades. O aspecto mais relevante foi a pequena redução nos

estoques finais de milho nos EUA, para 2014/15, com os mesmos passando de 46,4 milhões de toneladas para 45,2 milhões agora. Além disso, a produção mundial foi reduzida levemente, ficando agora estimada em 989,7 milhões de toneladas no corrente ano comercial, enquanto os estoques finais mundiais perderam mais de 4 milhões de toneladas, em relação a fevereiro, ao ficarem em 185,3 milhões de toneladas. Nesse contexto, o patamar de preços médios para os produtores dos EUA subiu para valores entre US\$ 3,50 e US\$ 3,90/bushel para 2014/15.

Pelo sim ou pelo não, o fato é que três fatores irão definir o futuro dos preços mundiais do trigo: a colheita sul-americana e a capacidade de exportação do Brasil e da Argentina; a intenção de plantio nos EUA (continua-se apostando em redução de área semeada com milho naquele país, apesar do relatório do Fórum Outlook de meados de fevereiro); e os estoques trimestrais que igualmente sairão no dia 31/03.

Caso ocorra redução de área semeada nos EUA, o plantio e o clima terão que corresponder para que não haja pressões altistas sobre os preços do milho em 2015.

Enquanto isso, o preço da tonelada FOB na Argentina subiu para US\$ 172,00, enquanto no Paraguai ficou em US\$ 131,50.

No Brasil, os preços se mantiveram estáveis, com o balcão gaúcho fechando esta segunda semana de março com a média de R\$ 23,33/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 25,50 e R\$ 26,50/saco. Nas demais praças, os lotes registraram leve alta, com valores de R\$ 16,50/saco em Sapezal (MT) e R\$ 28,50/saco nas regiões catarinenses de Videira e Concórdia.

O câmbio no Brasil, onde o Real voltou a registrar R\$ 3,15 por dólar no fechamento dos negócios no dia 12/03, continua sendo o fator que mais tem sustentado os preços do milho, seguindo o comportamento da soja. Por enquanto, essa forte volatilidade cambial deverá continuar no país.

Na BM&F, conforme Safras & Mercado, o contrato de maio tende a refletir o mercado à vista, que está pouco ofertado, com preços CIF em alta devido a elevação dos fretes. Caso o mês de maio fique abaixo de R\$ 29,00/saco na Bolsa isso representaria preços abaixo de R\$ 25,00/saco na Sorocabana paulista. Por enquanto, nem mesmo Goiás teria preços abaixo de R\$ 25,00/saco no momento. Ou seja, o contrato de maio não estaria refletindo a realidade do mercado à vista. Por enquanto, a safrinha também registra preços futuros em alta.

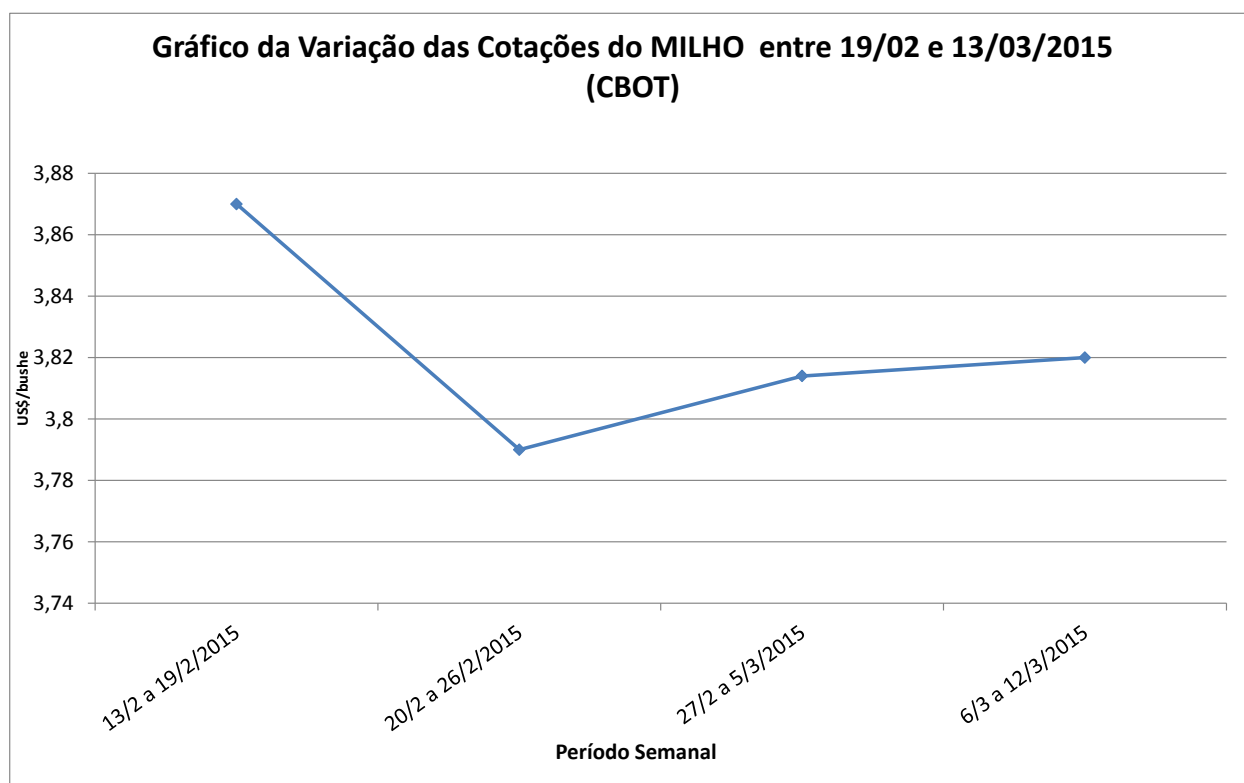
Dito isso, o plantio da safrinha transcorre normalmente e, em havendo safra cheia, mais uma vez teremos problemas com a logística, fato que poderá derrubar preços para o final do ano.

Em termos da safra de verão, a produção gaúcha, segundo a Emater, deverá ser maior do que o inicialmente projetado, podendo ficar em 5,46 milhões de toneladas, repetindo o volume do ano passado. A produtividade média está calculada em 6.232 quilos/hectare.

Enfim, no início de março os embarques de milho por parte do Brasil alcançaram a 318.100 toneladas, sendo os mesmos basicamente de produto oriundo do Rio Grande do Sul. (cf. Safras & Mercado)

A semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 43,90/saco para o produto dos EUA e R\$ 41,19/saco para o produto da Argentina, ambos para março. Já para abril o produto argentino ficou em R\$ 43,06/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores no final da corrente semana: R\$ 30,50/saco para março; R\$ 30,63 para abril; R\$ 30,84 para maio; 30,95 para julho; R\$ 31,45 para agosto; R\$ 31,54 para setembro; R\$ 31,81/saco para novembro e dezembro.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 19/02 a 12/03/2015.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo voltaram a subir de maneira forte nesta semana, com o fechamento desta quinta-feira (12) ficando em US\$ 5,13/bushel, contra US\$ 4,81 uma semana antes.

O principal motivo foi o clima seco sobre as Planícies produtoras do cereal nos EUA, indicando a possibilidade de quebra de safra. Ao mesmo tempo, o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 10/03, trouxe uma estabilização nos números estadunidenses (55,1 milhões de toneladas de produção e 18,8 milhões em estoques

finais para 2014/15), porém, diminuiu um pouco a produção mundial, fixando-a em 724,8 milhões de toneladas nesse relatório, enquanto os estoques finais permaneceram em 197,7 milhões de toneladas. A produção argentina se manteve em 12,5 milhões de toneladas, embora oficialmente os argentinos apontem para uma colheita de 13,9 milhões de toneladas, enquanto a safra brasileira foi reduzida para 5,9 milhões de toneladas.

Dito isso, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, para o ano 2014/15, iniciado em 1º de junho de 2014, chegaram a 469.600 toneladas na semana encerrada em 26/02, ficando 34% acima da média das últimas quatro semanas. O Egito foi o maior comprador com 175.000 toneladas. Para o ano de 2015/16 o volume negociado foi de 38.000 toneladas. Quanto às inspeções de exportação de trigo, o total alcançou 376.210 toneladas na semana encerrada em 05/03. No acumulado do ano o volume é de 17,4 milhões de toneladas, contra 24, 4 milhões na mesma época do ano anterior.

Ainda em termos mundiais, a China projeta colher 126 milhões de toneladas de trigo, elevando seus estoques finais para 62,8 milhões de toneladas. Já o bloco da ex-URSS deverá colher 112,6 milhões de toneladas do cereal.

Paralelamente, na Argentina os preços nos portos se mantiveram entre US\$ 230,00 e US\$ 242,00/tonelada. A esse último preço, e ao câmbio de hoje, o produto argentino chegaria CIF moinhos paulistas a R\$ 971,00/tonelada. Com isso, a paridade de importação, para o interior do Paraná, fica em R\$ 863,00/tonelada, e para o interior gaúcho atinge R\$ 814,00/tonelada. (cf. Safras & Mercado)

No mercado brasileiro, o preço médio no balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 25,42/saco, enquanto os lotes permaneceram em R\$ 510,00/tonelada ou R\$ 30,60/saco. No Paraná, os lotes fecharam a semana entre R\$ 610,00 e R\$ 635,00/tonelada ou R\$ 36,60 e R\$ 38,10/saco.

A semana, na verdade, iniciou com ritmo muito lento de negócios. O motivo seria a falta de espaços nos estoques dos compradores, que já estão bem estocados, mesmo havendo a intenção de aproveitar os preços ainda atrativos, antecipando a iminente alta que está vindo. A paralisação dos caminhoneiros ainda provocou algum rescaldo em termos de problemas de logística. Posteriormente, a semana terminou com o preço médio da tonelada de trigo, no Paraná, registrando um ganho de 9% em relação ao mesmo período do mês anterior, enquanto no mercado gaúcho o ganho chegou a quase 3% no período. Diante da situação cambial brasileira, o mercado espera que os preços internos subam bem antes de maio (antiga previsão), pois as importações estão cada vez mais caras. Tanto é verdade que um mês atrás o trigo argentino chegava CIF São Paulo a R\$ 885,00/tonelada. Hoje chega a R\$ 951,00/tonelada. Todavia, uma recuperação mais consistente dos preços do trigo dependerá do retorno dos grandes moinhos brasileiros às compras. (cf. Safras & Mercado)

Assim, até a entrada da nova safra nacional de trigo, em setembro via o Paraná, a tendência é de os preços internos do cereal continuarem paulatinamente subindo. Salvo uma revalorização do Real de forma significativa, o que não parece que ocorrerá. Essa alta nos preços do cereal poderá evitar que um percentual maior de área não seja semeado no Paraná, em particular. Todavia, muito disso dependerá dos custos de

produção, hoje extremamente elevados devido ao câmbio, em relação ao preço que chegará a tonelada do produto final.

Nesse sentido, o Deral paranaense prevê o plantio de uma área de 1,37 milhão de hectares em trigo, ou seja, um recuo de apenas 2% em relação ao ano passado. Em clima normal isso poderá resultar em uma safra de 4,1 milhões de toneladas, contra as 3,8 milhões colhidas em 2014. Já no Rio Grande do Sul, devido a forte frustração da última safra, associada aos elevados custos de produção, pode levar a uma redução maior de área plantada.

Enfim, segundo a SECEX o Brasil importou 409.153 toneladas de trigo em grão no mês de fevereiro, sendo esse o maior volume mensal desde outubro passado, porém, 9% a menos do que o comprado em fevereiro de 2014. A Argentina respondeu por 95% do total adquirido. Entre agosto/14 e fevereiro/15 (atual ano comercial) o Brasil já importou 3,05 milhões de toneladas, ou seja, 27,3% menos do no mesmo período do ano anterior.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 19/02 a 12/03/2015.

